

## [ FLORESTAS ]

## Velhas senhoras

Uma nova peça no quebra-cabeça das florestas surgiu no meio do caminho entre as negociações sobre clima em Accra, em agosto, e a 14ª Conferência das Partes (COP) da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática agendada para dezembro. Um artigo publicado na revista *Nature* em setembro defende que as florestas antigas nas regiões boreais e temperadas do mundo atuam como sumidouros de carbono. A idéia contraria a percepção, datada dos anos 60, de que tais florestas são neutras do ponto de vista de carbono.

A nova pesquisa – realizada por um grupo de cientistas europeus e americanos – buscou subsídio na literatura e em bancos de dados sobre estimativas do fluxo de carbono nas florestas. Concluiu que em florestas de idade entre 15 e 800 anos, a diferença entre a absorção (pela assimilação por fotossíntese) e a perda (pela respiração) de CO<sub>2</sub> é positiva – ou seja, elas absorvem mais do que perdem.

"De fato, as florestas jovens, em vez das antigas, são muitas vezes fontes óbvias de CO<sub>2</sub>, porque a criação de novas florestas (*seja naturalmente, seja pela mão do homem*) freqüentemente se segue a distúrbios ao solo e à vegetação anterior", escrevem. Boa parte das florestas boreais e temperadas de crescimento antigo situa-se na América do Norte, na Europa e na Ásia.

As florestas entraram nas negociações internacionais sobre as mudanças climáticas na 13ª COP, realizada em Bali em dezembro de 2007 – para os países tropicais, discute-se um mecanismo para recompensar aqueles que evitem o desmatamento. A nova pesquisa pode aumentar o interesse das nações desenvolvidas nas florestas como parte de sua estratégia para cumprir metas de redução de emissões de CO<sub>2</sub>. "Regras de contabilidade de carbono para florestas deveriam dar crédito para manter as florestas antigas intactas", advogam os cientistas. A 14ª COP está prevista para 1º a 12 de dezembro em Poznan, na Polônia. – **por Flavia Pardini**



## [ MERCADO DE CARBONO ]

## Gato por lebre

Incertezas regulatórias para o período pós 2012, divergências de registro e transação entre o Esquema Europeu de Comércio de Carbono (EU ETS) e o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), entre outros fatores, estão elevando o risco financeiro do mercado de carbono. Incluído nesse cenário está o risco ambiental, já que muitos projetos, por problemas de tecnologia e planejamento, podem não entregar a redução de emissões prometida.

O alerta vem da The Carbon Rating Agency, empresa americana que criou um sistema de *rating* para medir os riscos de projetos de redução de emissões de gases de efeito estufa, tanto do mercado voluntário quanto do MDL. O relatório destaca um dos desdobramentos dos impasses percebidos no mercado. O Unep/Risoe, órgão das Nações Unidas que mantém o maior banco de dados sobre projetos de MDL, diminuiu a expectativa de redução de emissões, até 2013, de 2,5 bilhões para 1,5 bilhão de toneladas de CO<sub>2</sub>e.

A empresa usa uma metodologia semelhante ao consagrado *rating* de crédito, com dez categorias, que vão de AAA (mais alta qualidade) a D (deficitário). A avaliação se dá conforme a probabilidade de determinado projeto alcançar a redução de carbono prometida, bem como aspectos de desenvolvimento sustentável na localidade em que se insere. O relatório apresenta um estudo de caso com 25 projetos de MDL em diferentes partes do mundo. Nenhum atingiu a nota máxima.

Mesmo diante dos resultados insatisfatórios, a empresa considera que os mercados de carbono têm condições de atingir seus objetivos ambientais, desde que haja maior transparência sobre riscos e desempenho. "Até 2012, o MDL terá produzido créditos suficientes para compensar o equivalente a três anos de emissões do Reino Unido", diz o relatório. (CD)